

Uma explosão de vida

Suely Fenerich



Não é impossível que alguém que conheça Jerusa Pires Ferreira como professora e pesquisadora se refira a ela como uma explosão de vivacidade, de vitalidade, de amor à cultura brasileira, ou melhor, à cultura. Tanto entre seus colegas de profissão e seus alunos, quanto artistas de todos os naipes que convida para depor a respeito do seu trabalho em seus cursos e no próprio Núcleo de Poéticas da Oralidade, Jerusa é reconhecida como autoridade no seu métier. Profunda conhecedora de nossa cultura, ela personaliza também a própria idéia de modernidade, de desterritorialização ou mesmo de oralidade de que nos fala Paul Zumthor, medievalista suíço-canadense cujo pensamento ela tem traduzido e divulgado no Brasil.

Quando conheci Jerusa, há cerca de vinte anos, fiquei impressionada com o vigor de suas palavras, da sinceridade e seriedade de seu discurso constante e apaixonado a respeito da cultura, o fenômeno, talvez, fundamental por excelência do ser humano.

Cheguei até ela atraída por este conjunto de qualidades, num de seus cursos de pós-graduação, ainda na ECA-USP. Década de 80, primeiros anos. Foi uma época muito agitada, quando ela promovia eventos e debates, como por exemplo um seminário sobre o Obsceno, com exposição de obras e depoimentos de artistas e professores da própria ECA, que culminou com a publicação do livro *Jornadas Impertinentes - O Obsceno*, pelas editoras Intercom, Fapesp e Hucitec. Refletíamos sobre o folhetim, com Marlyse Méier, sobre *Os Sertões* e *Euclides de Cunha*, com Luís Roberto Alves, indicados por ela. Jerusa desenvolveu pesquisas e publicou textos interessantes e raros como a respeito das editoras de livros de cordel, na coleção *Editando o editor*, pela Edusp.

Bem mais tarde, fins de 90, fui convidada a participar do Núcleo de Poéticas da Oralidade, que ela estava formando no Departamento de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo. E, como divulga autores estrangeiros que lhe pareçam bastante importantes, desenvolve também a tradução, às vezes em parceria com algum de seus alunos. Foi o meu caso. Temos feito tradução de Paul Zumthor, de Meschonnic entre outros, do que muito me orgulho e que desenvolvo com o maior prazer, em companhia tão

estimulante.

Na avaliação de qualquer fato cultural, Jerusa atravessa o enigma dos tempos, a espessa cortina que delimita as fronteiras entre os países e consegue localizá-lo de forma absolutamente rica. A partir do inevitável processo da globalização, ela não admite que a cultura possa ser encarada de maneira unilateral. Assim, é conectada com professores de diversas partes do mundo e está sempre entre viagens proferindo palestras, participando de encontros e debates. Haja vista sua ligação com universidades da França, do Canadá, da Espanha, da Alemanha, da Itália, de Portugal e da Índia.

É neste diapasão alentador que ela vem levando seus orientandos a verificar os fenômenos locais, estabelecendo uma ponte intercultural entre o aqui e o acolá.

Suely Fenerich é jornalista e tradutora de textos do escritor e medievista suíço-canadense Paul Zumthor: Performance, Recepção, Leitura (Educ, 2000) e Politiques de l'oubli (Hucitec, 1996) em colaboração com Jerusa Pires Ferreira.